

DESAFIANDO O “ÓDIO BRANCO”: racismo e antirracismo numa comunidade operária nos Estados Unidos

Ruy Braga*

A ascensão de lideranças nacionalistas e autoritárias como Donald Trump, Viktor Orbán, Marine Le Pen, Matteo Salvini e Andrzej Duda, para não mencionar Jair Bolsonaro, em diferentes contextos políticos nacionais, parece ter revitalizado a empoeirada tese do autoritarismo operário popularizada por Seymour Martin Lipset no início dos anos 1960. Tanto na academia quanto na imprensa, nunca a narrativa do “ódio branco” da classe trabalhadora como suposto eixo estruturador da ofensiva da extrema-direita em escala global foi tão popular. Nesse artigo, problematizamos essa interpretação à luz de uma etnografia operária construída numa comunidade onde vivem trabalhadores que votaram majoritariamente no político que encarna o protótipo da atual liderança nacionalista e autoritária: Donald Trump. Para tanto, buscaremos destacar as relações entre processos de precarização do trabalho, a adesão de trabalhadores a projetos nacionalistas e autoritários, e o suposto racismo dos trabalhadores, a fim de interpretar transformações no comportamento político dos trabalhadores em contextos marcados por uma aguda crise socio-reprodutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Classe operária. Estados Unidos. Desindustrialização. Precarização do trabalho. Autoritarismo.

APRESENTAÇÃO

Usualmente, as análises sociológicas a respeito da ascensão de movimentos nacionalistas autoritários em diferentes contextos nacionais têm focado no suposto papel desempenhado pelo racismo entranhado na classe trabalhadora como força motriz das vitórias eleitorais dos partidos de extrema-direita.¹ Neste artigo, pretendemos problematizar essa interpretação à luz de uma etnografia operária construída numa comunidade onde vivem trabalhadores que votaram majoritariamente no político que encarna o protótipo da liderança autoritária nacionalista do tempo presente: Donald Trump. Para tanto, é necessário, em primeiro lugar, levantar a questão a propósito das razões pelas quais grupos de trabalhadores têm se aproximado de projetos políticos como

aquele empunhado por Trump. Em primeiro lugar, devemos trazer para o centro de nossas preocupações analíticas a discussão sobre a crise econômica e social iniciada em dezembro de 2007, e seus impactos sobre o modo de vida dos trabalhadores.

De fato, nos Estados Unidos da América (EUA), a chegada da Grande Recessão representou para inúmeras comunidades trabalhadoras o colapso dos últimos vestígios de estabilidade proporcionados pela reprodução de sua economia moral.² Entre 2008 e 2011, por exemplo, o aumento das demissões nas fábricas e o estímulo ao deslocamento das operações para regiões onde o preço da força de trabalho é mais competitivo dizimaram mais de 2 milhões de empregos industriais.³

Após décadas de competição entre os partidos Democrata e Republicano para saber qual governo era capaz de cortar mais impostos dos ricos e recursos de programas assistenciais para os pobres, a devastação neoliberal da

* Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Sociologia. Rua do Lago, 717 – Butantã. Cep: 05508-080. São Paulo – São Paulo – Brasil. ruy.braga@usp.br. <https://orcid.org/0000-0002-8512-4306>

¹ Ver, por exemplo, Cherlin (2021).

² Esquemáticamente, vale observar que essa noção remete às relações econômicas que são reguladas por valores derivados de um sistema de solidariedades práticas organizado pelo direito à existência. Ver Thompson (1998).

³ Ver Krippner (2011).

classe trabalhadora atingiu seu ponto culminante. A Grande Recessão não apenas arruinou a renda das famílias trabalhadoras. Acima de tudo, ela estrangulou suas expectativas quanto ao futuro de seu modo de vida, multiplicando comunidades de angústia por todo o país.⁴

Resultado da desregulamentação do setor bancário iniciada pelo governo de Ronald Reagan, o aumento irracional de ativos financeiros gerou um ambiente econômico estruturalmente dependente do endividamento das famílias trabalhadoras. No início dos anos 1980, após o governo eliminar a regulação da taxa de juros cobrada do consumidor, o crédito tornou-se significativamente mais caro, proporcionando lucros inéditos aos bancos.⁵

Desde então, as orgias promovidas pela financeirização do capital foram bancadas pelas suadas poupanças das famílias trabalhadoras, antes protegidas pela regulação fordista. Além de enquadrar o fluxo internacional de capital, esse sistema limitava o escopo das atividades financeiras, obrigando os bancos a focar em operações pouco rentáveis, como empréstimos de longo prazo. No entanto, a desregulamentação dos anos 1980 e o progresso das tecnologias computadorizadas dos anos 1990 combinaram-se a fim de mudar esse cenário.

Daí em diante, uma inédita massa de capital financeiro acumulada passou a pressionar o sistema bancário a buscar novas fontes de capitalização financeira. Concentrando-se no setor de habitação popular, mais atraente do ponto de vista da remuneração do risco, os financiamentos bancários desregulados avolumaram-se nos anos 2000 produzindo uma crise habitacional que gerou uma perda de dois milhões de residências para os bancos. O caos financeiro provocou uma crise econômica, elevando repentinamente a taxa de desemprego.

A combinação entre aumento do desemprego e dos despejos golpeou, sobretudo, os trabalhadores negros, cuja modesta elevação

dos rendimentos conquistada em décadas de luta por justiça racial foi revertida em poucos anos.⁶ E o governo de Barack Obama jamais se mostrou à altura de assegurar qualquer alento às famílias trabalhadoras, em especial às negras, castigadas pela Grande Recessão. Ao contrário, a promessa de repatriação dos empregos industriais feita pelo primeiro presidente negro da história não apenas tardou a acontecer como se mostrou incapaz de compensar as perdas acumuladas após 2008.

Na realidade, os poucos milhares de empregos industriais trazidos de volta por empresas como Master Lock, Nike e Target, por exemplo, resultaram menos de estímulos políticos e fiscais assegurados pelo governo e mais da combinação entre o aumento dos salários chineses com a queda dos salários estadunidenses, após décadas de cortes de benefícios trabalhistas e ajustes inflacionários. Em suma, a capacidade das grandes corporações estadunidenses de explorar as cadeias globais de fornecedores em busca de salários cada vez mais baratos jamais foi desafiada pelo governo de Barack Obama.⁷

Entre 2008 e 2014, a perda líquida de cinco milhões de empregos não apenas exacerbou desigualdades sociais como revoltou inúmeros trabalhadores, afastando-os do governo Obama. A incapacidade do presidente democrata de reverter o declínio dos empregos industriais – ou simplesmente de favorecer a proteção dos ainda empregados – acabou fortalecendo a alienação política dos grupos operários tradicionalmente mais próximos do Partido Democrata.

Tanto o apoio a Bernie Sanders contra Hillary Clinton nas primárias democratas quanto a grande abstenção observada no dia da votação nos antigos bastiões operários do Cinturão da Ferrugem revelaram a alienação política dos trabalhadores industriais em 2016. Decisivos para a eleição de Trump, os estados Michigan, Ohio, Pensilvânia e Wisconsin apre-

⁴ Ver Owens e Sampson (2018).

⁵ Ver Krippner (2011).

⁶ Ver Rosenfeld e Kleykamp (2012).

⁷ Ver Anner (2015).

sentaram taxas mais elevadas de abstenção do que a média nacional. Em suma, o apoio democrata no Cinturão da Ferrugem colapsou devido ao não comparecimento dos operários aos locais de votação.⁸

NACIONALISMO AUTORITÁRIO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Vale observar que o fim do fordismo, cujo pacto uniu trabalhadores sindicalizados e políticos democratas, deslocou o Partido Democrata na direção dos setores médios e profissionais das grandes cidades. Politicamente, os democratas negligenciaram as angústias da classe trabalhadora relacionadas ao declínio industrial a tal ponto que, durante um evento de campanha em Ohio, Hillary Clinton (*apud* Roberts, 2023) afirmou: “Sou a única candidata que tem uma política para trazer oportunidades usando energia renovável limpa como solução para a questão do carvão. Porque vamos acabar com muitos mineiros e empresas de carvão”.⁹

Ao contrário de sua adversária, Trump abordou as preocupações da classe trabalhadora do Cinturão da Ferrugem argumentando que a globalização neoliberal vitimou os empregos industriais, devastando as comunidades de trabalhadores em benefício das elites políticas e econômicas. Além disso, ao contrário de candidatos republicanos do passado, ele atacou abertamente cortes na saúde e na previdência, denunciando a estagnação salarial e prometendo transformar o Partido Republicano num verdadeiro “partido dos trabalhadores”. Dessa forma, Trump alinhou sua campanha a trabalhadores politicamente disponíveis dado o colapso do apoio a Hillary Clinton.¹⁰

⁸ Ver Kilibarda e Roithmayr (2023).

⁹ “I am the only candidate with a policy to create opportunities by using clean renewable energy as a solution to the coal issue. Because we are going to put an end to many coal miners and companies”. Hillary Clinton *apud* Roberts (2023).

¹⁰ Ver Savage (2023).

A precarização do trabalho nos EUA foi impulsionada pela combinação entre o crescimento de empregos sub-remunerados no setor de serviços e a estratégia de terceirização empresarial. Após o início da Grande Recessão, a oferta de empregos cresceu onde predomina a presença de mulheres e de trabalhadores racializados. Além disso, a reprodução de um sistema de saúde baseado na aquisição de seguros para trabalhadores em tempo integral estimulou a contratação de trabalhadores temporários.¹¹ Embora o fenômeno do trabalho temporário ainda esteja concentrado nos serviços, esse modelo avançou para setores especializados, como informática e saúde, ajudando a corroer alguns importantes bastiões do emprego em tempo integral.

Quadro 1 – Mudança percentual no emprego em ocupações selecionadas, trabalhadores temporários e trabalhadores em tempo integral, 2010-2018

Ocupações	Trabalhadores temporários	Trabalhadores em tempo integral
Trabalhadores de processamento de alimentos	604,3%	20,3%
Desenvolvedores de aplicativos	483,4%	80,9%
Técnicos de ciências da vida	154,2%	17,8%
Trabalhadores de cargas e estoques de materiais	104,3%	42,9%
Operadores de caminhões e tratores industriais	102,6%	16,5%

Fonte: Bureau of Labor Statistics (2021).

Tendo em vista a grande variedade de definições e uma certa ausência de dados confiáveis sobre novos grupos temporários de profissionais e de trabalhadores, quantificar a precariedade laboral nos EUA é uma tarefa espinhosa. No entanto, em 2015, um estudo realizado pelo Escritório de Responsabilização do Governo dos Estados Unidos – Government Accountability Office (GAO) – observou que trabalhadores temporários e terceirizados constituíam mais de um terço do total da força

¹¹ Ver Even e Macpherson (2018).

de trabalho nos EUA. O estudo estimou ainda que, em média, esses trabalhadores recebiam metade do salário daqueles diretamente contratados (U.S. Government Accountability Office, 2023).

O aumento das ocupações temporárias aproximou alguns diferentes grupos profissionais das condições de reprodução do precariado. Nesse sentido, é razoável supor que os trabalhadores da rede de supermercados Walmart compartilhem com os trabalhadores da educação interesses comuns de acesso a direitos e benefícios trabalhistas. Isoladamente, essa convergência não é capaz de gerar formas de ação coletiva, pois faltam condições decisivas, como a presença de ativistas de base, para que os interesses coletivos se aglutinem em formas de consciência de classe trabalhadora. A formação de identidades classistas esbarra ainda na política antissindical das gerências, que abusam de demissões injustificadas dos ativistas de base.

As constantes ameaças das gerências, somadas às táticas antissindicais, não apenas mantêm os salários dos trabalhadores precários sempre próximos à linha oficial da pobreza, como corroem os valores associativos que conformam a base da solidariedade classista. Donald Trump empenhou-se em instrumentalizar a sensação angustiante criada pela generalização desse tipo de emprego precário, alegando defender os trabalhadores comuns contra a ganância de uma elite econômica liberal. Para tanto, seria necessário recuperar os valores tradicionais americanos, isto é, a liberdade, a família, a religião e o trabalho duro, corrompidos pela globalização neoliberal.¹²

A narrativa-padrão a respeito da ascensão de Trump afirma que o medo da derrocada social latente entre os trabalhadores brancos foi sequestrado por um discurso populista especializado em culpar as elites econômicas e políticas pela crise econômica. E esse populismo direitista teria conseguido colher os frutos eleitorais de uma longa batalha travada pela

mídia reacionária e por políticos conservadores contra o progresso civilizatório assegurado pelos governos de Barack Obama.¹³

Assim, a estratégia de Trump teria conseguido articular os principais setores da direita nacionalista branca com o conservadorismo cristão, criando uma aliança entre moralistas, autoritários e supremacistas em torno do projeto de restaurar os bons tempos do fordismo. Em suma, a angústia gerada pela perda de confiança na supremacia americana estaria levando os trabalhadores brancos a golpear as instituições democráticas. E a percepção de que o trumpismo “sangrou diretamente da ferida do privilégio destronado que a branquitude, a cristandade e a masculinidade garantiam àqueles que não eram nada nem ninguém” (Brown, 2019, p. 13) rapidamente se transformou no novo senso comum liberal.

Em geral, esse tipo de análise tende a descartar a classe trabalhadora como sujeito de sua própria história, transformando os trabalhadores em objetos da benevolência dos formuladores de políticas públicas. Ademais, a substancialização racial da classe trabalhadora dificulta a interpretação de seu comportamento político para além de estereótipos como o “ódio branco” insuflado contra os grupos sociais oprimidos e racializados por políticos oportunistas.¹⁴ Frequentemente, essa substancialização aparece atada ao aparente desejo dos trabalhadores brancos de restaurar a sacralidade dos valores patriarcais frente às ameaças trazidas pelo progresso dos direitos das mulheres e dos grupos de pessoas LGBTQIAPN+.^{15 16}

A substancialização racial da classe trabalhadora não permite explorar as *contradições do senso comum*, muito menos alcançar aquilo que Antonio Gramsci chamou de “bom

¹³ Ver Brown (2019).

¹⁴ Ver Sample (2018).

¹⁵ Ver Brown (2019).

¹⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e mais.

¹² Ver Savage (2023).

senso” popular, ou seja, o núcleo racional e crítico da concepção de mundo dos subalternos.¹⁷ Quando supomos a manipulação populista dos trabalhadores brancos, só resta concluir que eles não são capazes de enxergar através de sua própria dominação, estando condenados a reproduzi-la.

Por certo, essa narrativa a respeito da vitória de Trump é conveniente para os dois partidos. Em nome da defesa da democracia, os democratas exaltam as conquistas de Obama enquanto alegam enfrentar a vingança de uma plebe atrasada. Em nome da restauração da grandeza nacional, republicanos celebram o espírito nativista encarnado nos trabalhadores brancos cujos valores tradicionais declaram defender. Resta saber o que pensam os trabalhadores a respeito da ascensão do trumpismo. Trata-se de uma questão empírica. A nosso juízo, a investigação mais bem-sucedida sobre as motivações que levaram à aproximação entre Trump e esses trabalhadores foi realizada por Arlie Hochschild.¹⁸

Investigando o porquê de a poluída Luisiana ser tão resistente à regulação ambiental, Hochschild percebeu que vítimas da mercantilização do trabalho e da natureza preferiam focar seu ressentimento político nos negros e nos imigrantes em vez de no governo ou nas empresas. Esquemáticamente, a aproximação dos trabalhadores ao Tea Party, um movimento de cariz conservador organizado no interior do Partido Republicano em defesa de cortes nos gastos públicos, é interpretada como uma reação ao progresso dessas minorias.

Hochschild estudou a região de Lake Charles, na Luisiana, uma área cuja população supera 210 mil habitantes. No entanto, a chamada América rural onde vivem e se reproduzem as famílias de trabalhadores brancos é composta por comunidades significativamente menores: dos 19 mil condados dos EUA, 18 mil têm uma população inferior a 25 mil habitan-

tes. Destes, 14 mil estão localizados longe de um centro urbano. Estamos falando de cidades entre 2 mil e 5 mil habitantes, muitas delas originárias de assentamentos coloniais e que permanecem tão essenciais para trabalhadores e pequenos fazendeiros no presente quanto foram há três séculos.¹⁹

A mobilização de trabalhadores brancos pelo Tea Party pode sugerir que esse mundo é formado por um bloco homogêneo capaz de se deslocar com rapidez numa direção politicamente reacionária. Seguramente, quando comparado aos grandes centros urbanos, o mundo das pequenas cidades rurais é mais conservador. No entanto, é preciso compreender melhor os diferentes contextos e sentidos desse conservadorismo popular.

UMA COMUNIDADE OPERÁRIA DOS APALACHES

Com esse propósito em mente, empreendi durante 14 meses um estudo etnográfico em cidades localizadas na região central da Pensilvânia. A maior parte das entrevistas foi feita com moradores de Tyrone, cidade que por diferentes razões se revelou muito apropriada para minhas observações. Como muitas cidades da região, Tyrone foi fundada em meados do século XIX por imigrantes procedentes do norte da Irlanda atraídos para a região dos Apalaches pela mineração, sobretudo de carvão, e, posteriormente, de ferro, alumínio e sílica. O primeiro assentamento, com cerca de 150 famílias, foi estabelecido no início do século XIX como um entreposto comercial em auxílio ao escoamento da produção de carvão de povoados localizados na região de Clearfield.²⁰

No último quartel do século XIX, em decorrência do ciclo de industrialização da Pensilvânia impulsionado pela incorporação de trabalhadores qualificados vindos da Escócia

¹⁷ Ver Gramsci (2001).

¹⁸ Ver Hochschild (2016).

¹⁹ Ver Cromartie (2018).

²⁰ Ver Gilmore (2009).

e da Irlanda, algumas indústrias se estabeleceram em Tyrone, como a American Eagle Paper Mill, fundada em 1880, e especializada na produção de papel, e a Gardners Candies, uma fábrica de doces criada em 1897. Na década de 1950, a cidade acolheu outras indústrias especializadas na fabricação de rebites, a Chicago Rivet & Machine Company, e ferramentas, a Die Makers Manufacturing. Nos anos 1960, uma empresa de produção de uniformes, a Big Yank, instalou sua operação na cidade.²¹

Muitas pequenas cidades da região central da Pensilvânia receberam investimentos industriais durante a chamada “Era Dourada” (“Gilded Age”), período que se estendeu entre 1870 e 1900. Nesse momento, o pragmatismo dos trabalhadores foi o traço mais marcante do movimento operário na região. Uma vez que as empresas se moviam para controlar os mercados de carvão e os sindicatos procuravam centralizar suas organizações a fim de controlar suas bases, os trabalhadores se aproximavam do lado que lhes oferecesse a melhor vantagem momentânea.²²

Com a construção de quatro ferrovias – Pensilvânia, Clearfield, Lock Haven e Lewisburg –, a cidade tornou-se um entroncamento ferroviário importante na região central do estado, desenvolvendo-se rapidamente até os anos 1920, quando chegou a contar com 10 mil moradores. Nesse período, Tyrone ficou conhecida pelo apelido de “Cidade das Ferrovias”, chegando a registrar algumas greves nos anos 1870, 1920 e 1930 contra a companhia de trens.²³

Durante as três primeiras décadas do século passado, a cidade floresceu com a construção de vários prédios de tijolos vermelhos de quatro ou cinco andares ainda hoje existentes em seu distrito histórico. Além disso, trilhos e novas estradas convergiam para a cidade vindos de todas as direções. Nessa época, conforme relatos de alguns moradores mais

velhos, imaginava-se que o progresso não iria cessar e a cidade continuaria a crescer de maneira ininterrupta.

No entanto, após alcançar 9.084 moradores no início dos anos 1930, a população começou a diminuir. O número atual de moradores, 5.182, é menor, por exemplo, do que o registrado em 1900, 5.847. Vale observar que o declínio populacional mais pronunciado ocorreu entre os anos 1960 e 1990, quando a região passou a viver os dilemas ligados ao colapso das atividades de mineração.

Além disso, a poluição ambiental sempre foi umas das principais características de Tyrone. Afinal, o maior empregador privado da cidade era a fábrica de papel American Eagle Paper Mill. Chegando a contar com cerca de 800 operários nos anos 1940, a fábrica despejava seus rejeitos químicos diretamente no Rio Juniata e no riacho Bald Eagle, comprometendo o abastecimento de água da região.

Ainda assim, enquanto outras empresas fecharam definitivamente suas portas e o tráfego de trens continuou diminuindo devido à queda da mineração de carvão, a American Eagle seguiu empregando por volta de 400 trabalhadores. A relativa estabilidade dos empregos na fábrica de papel fez com que Tyrone fosse identificada aos olhos de seus moradores como uma comunidade operária.

No entanto, nem mesmo a melhoria das condições ambientais nos anos 1980 conseguiu reverter o declínio populacional. A cidade foi largamente superada pelo crescimento da vizinha Altoona, que atraiu moradores e investimentos em grandes supermercados, *shoppings centers* e prédios de escritórios. De certa maneira, sediar uma fedorenta operação de produção de papel e celulose ajuda a explicar tanto a resiliência como o declínio econômico de Tyrone. Afinal, até o final dos anos 1990, seu principal empregador privado era a fábrica de papel. Em 2001, a empresa foi desativada, voltando a operar com produção de papel reciclado em 2003. Nessa etapa, a planta passou a empregar cerca de 140 trabalhadores, ou seja,

²¹ Ver Blair Companies (c2024).

²² Ver Caldemeyer (2021).

²³ Ver Bezilla e Rudnicki (2007).

cinco vezes menos do que no seu auge.

A exemplo do que aconteceu com outras cidades operárias, a partir de meados dos anos 2000, o principal empregador privado da cidade passou a ser o Tyrone Regional Health Network.²⁴ Empregando cerca de 350 profissionais e trabalhadores da saúde, essa rede é formada por um hospital comunitário de 25 leitos que oferece serviços médicos e cirúrgicos gerais, três consultórios de atenção básica de saúde e uma casa de repouso. Em 2015, a rede passou a ser administrada por uma empresa de seguro de saúde ligada à Universidade Estadual da Pensilvânia.²⁵

RACISMO EM UMA CIDADE RURAL

Com uma população formada por 98,1% de descendentes de irlandeses, não foi difícil colher opiniões preconceituosas em Tyrone. Em geral, alguns trabalhadores entrevistados expressaram opiniões que rebaixavam o comprometimento moral dos trabalhadores negros e latinos com o trabalho árduo ou pressupunham que os moradores negros viviam sem trabalhar. Da mesma maneira, opiniões que associam os moradores negros da região à assistência social tendem a desembocar em preconceitos raciais. Além disso, a associação entre os negros e o crime, comum em um país onde uma indústria prisional bilionária se expandiu à custa do encarceramento em massa de jovens negros, devastando inúmeras comunidades pobres pelo país, inevitavelmente fortalece opiniões racistas:

Na verdade, temos poucas ‘pessoas de cor’ na cidade. Tive contato com ‘homens de cor’ no meu dia a dia apenas quando estava trabalhando na prisão. [...] Outro dia tive que ir até Hollidaysburg para resolver um problema burocrático e vi dois rapazes negros saindo da escola. Eles estavam vestidos como se estivessem em Nova York e me espantei.

²⁴ Ver Winant (2021).

²⁵ Ver Tyrone Regional joins Penn Highlands healthcare (2020).

Parecia que não se encaixavam na paisagem.²⁶

Jonatas Veiga é um imigrante brasileiro que vive com a família em Houserville, nas proximidades de State College, e trabalha em uma empresa de manutenção predial localizada em State College cujas equipes são formadas em sua maioria por jovens moradores de Tyrone. Jovem negro nascido na Bahia, cabelos trançados no estilo rastafári, Jonatas trouxe para a Pensilvânia central muita bagagem política dos tempos em que militou no movimento estudantil em Salvador. Há um ano trabalhando como técnico em manutenção predial, perguntei-lhe se ele tinha sofrido discriminação racial no ambiente de trabalho:

Sou o único negro no meio daquele monte de gente branca. Tudo branquinho com aquela barba vermelha. Acho que eles nunca viram nada igual a mim antes. São todos de Tyrone. [...] Quando comecei, eles chegavam até mim e me faziam perguntas racistas do tipo: “Como você faz para lavar seu cabelo?”. Apesar de eu já não reagir mais com raiva como no passado, confesso que esse tipo de situação ainda me deixa incomodado. [...] Mas, sei me impor. Um dia um colega deixou deliberadamente a arma entre ele e eu na caminhonete. Eu disse: “Olhe pra mim. Isto está errado. Se você vai deixar sua arma à mostra, ela não pode estar carregada. É contra a lei”. E tirei as balas da arma dele, sem ele me contestar. Depois disso, não fez mais gracinhas. [...] Não penso que tenho sido discriminado pelo meu patrão. Na verdade, sou novo na empresa e já recebi uma promoção. Hoje, eu lidero a equipe. [...] Não posso reclamar do salário: tenho feito cerca de quatro mil e quinhentos dólares por mês e nem preciso trabalhar muito. Tenho liberdade no meio da jornada e almoço todos os dias em casa.²⁷

Apesar das manifestações racistas de alguns de seus colegas, o caso de Jonatas revela também um certo tratamento igualitário em termos de oportunidades no trabalho por parte da gerência. De fato, quando observamos comunidades nas quais praticamente todos os trabalhadores, especialmente os mais pobres,

²⁶ Tammala Leeper, auxiliar de enfermagem, entrevistada em 14 jun. 2022.

²⁷ Jonatas Veiga, técnico em manutenção predial, entrevistado em 12 jan. 2023.

são brancos, a suposta “ameaça” trazida por imigrantes não parece ser um fator mobilizador relevante para determinados preconceitos raciais. A verdade é que a mudança demográfica trazida pelos imigrantes latinos, por exemplo, é muito lenta e a presença desses trabalhadores concentra-se exclusivamente na área rural, em ocupações que não atraem os trabalhadores brancos. Portanto, não há propriamente uma real competição entre diferentes grupos de trabalhadores capaz de fortalecer sentimentos nativistas ou supremacistas.²⁸

Em campo, não fui capaz de identificar nas conversas com trabalhadores precários aquele sentimento de orgulho por fazer parte da “raça dominante” que caracteriza o supremacismo. Além disso, não constatei aquele “medo de pessoas de pele escura” que alguns analistas costumam citar a fim de explicar o apelo popular do projeto autoritário e racista de Trump. Isto não implica dizer que o medo associado à ameaça trazida de fora por traficantes supostamente negros e latinos não esteja presente em Tyrone. No entanto, as opiniões racistas de alguns moradores registradas em Tyrone simplesmente não servem para distinguir a cidade do resto do país.

Em relação ao nacionalismo, o quadro é diferente. Em Tyrone, muitas casas ostentam bandeiras dos EUA nas fachadas ao lado de bandeiras do corpo de fuzileiros navais. Aliás, durante as entrevistas, não foi difícil perceber que o Exército conta com um elevado prestígio em toda a região.

De certa maneira, é possível dizer que o nacionalismo se sobrepõe ao privilégio branco de quem se sente orgulhoso por poder viajar sem medo de ser parado nas estradas ou se tornar alvo da violência policial. Sabemos que

esse tipo de privilégio facilita a contratação de empréstimos bancários, seguros de saúde e toda sorte de serviços pessoais, fortalecendo o sentimento nacionalista na cidade. Ademais, os brancos conservam seus empregos com mais frequência do que os negros nas crises econômicas. Demitidos, são os primeiros a serem recontratados nos momentos de recuperação. O fato de serem brancos coloca os moradores de Tyrone numa estrada onde se trafega em uma velocidade diferente da dos negros.

Ainda assim, não se sentem privilegiados por serem brancos. O fato de a maioria deles ser formada por trabalhadores não qualificados e semiquilificados com pouco ou nenhum controle sobre suas condições e horários de trabalho desencoraja a sensação de usufruir de alguma vantagem. Todavia, em diferentes momentos, percebi a presença mais ou menos elaborada de duas visões conflitantes que talvez nos ajudem a interpretar os diferentes matizes do preconceito racial nas cidades rurais da região central da Pensilvânia.

Por um lado, é possível perceber a presença de uma forte concepção de *igualdade* nos comentários dos moradores: “Como diz o meu pastor: ‘Todos nasceram com a mesma chance na vida’. Se você está disposto a trabalhar duro e a cuidar de sua família, irá aproveitar bem essa chance. Não interessa a cor de sua pele”.²⁹ Por outro lado, também apareceu igualmente nas falas a presença da noção de *exclusão*: “Penso que os democratas querem compartilhar nossas coisas boas com todo o mundo. E os republicanos querem compartilhar essas coisas apenas conosco. Hoje em dia, existem poucas coisas boas que sobraram para ser compartilhadas. Portanto, prefiro que tenhamos preferência sobre eles”.³⁰

Ou ainda: “Sinto que o pessoal de Tyrone olha para a gente como se não fôssemos ficar. Por isso, não vale a pena fazer amizade. Eu pre-

²⁸ Apesar de ter ouvido histórias sobre a existência de uma seção local da famigerada Ku Klux Klan (KKK) em Philipsburg, ou sobre uma suposta presença de membros da Klan no Departamento de Polícia de State College, não consegui confirmar nenhuma dessas suspeitas através de uma fonte confiável. No *Daily Herald*, é possível identificar anúncios pagos nos anos 1920 convidando para reuniões da KKK em Tyrone, além de uma matéria publicada no dia 3 de abril de 1981 relatando os esforços dessa organização em atrair novos membros na região.

²⁹ Tammala Leeper, cit.

³⁰ Nick McGuee, operário da construção civil, entrevistado em 18 jan. 2023.

tendo ir embora, então, não ligo”³¹. Desde que esteja disposto a trabalhar duro e a cuidar de sua família, você poderá ser considerado parte da comunidade. Porém, essa mesma comunidade deseja ter preferência sobre outros e vê com desconfiança aqueles que estariam apenas de passagem, em especial, os imigrantes: “É raro você encontrar com eles [imigrantes] na cidade. Só mesmo as crianças na escola”.³²

Em resumo, é difícil ignorar que o preconceito racial em Tyrone está sobredeterminado pelo tradicional sentimento de unidade existente entre os moradores de uma cidade etnicamente tão homogênea. Na realidade, como é comum encontrar famílias extensas, existe uma clara separação entre “nós” e “eles”. “Nós” nos conhecemos e somos parecidos exatamente porque excluimos “eles”. Seguramente, essa exclusão é pior para quem não fala a mesma língua que “nós”. No entanto, ela se manifesta em relação a qualquer forasteiro.

Ou seja, “eles” são aqueles que não são de Tyrone, os que não se encaixam muito bem, os pobres vindos de outras cidades que recebem aluguel social e não querem trabalhar e todos aqueles que não falam bem o inglês. Mas podem ser também os adolescentes cujos nomes aparecem nos boletins de ocorrência publicados pela polícia da cidade no Facebook.

Na realidade, os moradores de pequenas cidades rurais não percebem a diversidade racial da mesma forma que os moradores dos centros urbanos. Não se trata de reconhecer como a variedade de grupos sociais pode produzir impulsos criativos, enriquecendo os contatos pessoais, a culinária, a cultura local e a produtividade do trabalho. Apesar de não se revelarem hostis às inovações trazidas por um ambiente culturalmente mais plural, os seus moradores parecem mais empenhados em conservar seu modo de vida tradicional do que em buscar novas experiências sociais.

Em suma, em cidades onde “todos se co-

nhecem” e as relações de parentesco são sempre muito presentes no cotidiano das famílias, o sistema de solidariedades práticas tende a fortalecer um sentimento difuso de igualdade. No entanto, essa igualdade é compartilhada apenas por aqueles que são “como você”, ou seja, que fazem parte da mesma comunidade. Aqueles que estão “de passagem”, simplesmente não participam dessa ordem social que deve ser capaz de recompensar o trabalho duro e a responsabilidade pessoal dos moradores com uma vida simples, porém, digna e previsível.

ANTIRRACISMO EM UMA CIDADE RURAL

Usualmente, essa relação entre o princípio da igualdade e as práticas de exclusão manifesta-se de forma tensa nas entrevistas, em especial, entre os moradores mais jovens. Em se tratando da questão da opressão racial presente em pequenas comunidades rurais onde vivem os trabalhadores brancos, o fato é que a reprodução de práticas racistas não se dá sem contestação. Quando o movimento Black Lives Matter (BLM) ganhou repercussão mundial após George Floyd ser assassinado por um policial branco em Mineápolis no dia 25 de maio de 2020, Richie Bonsell-Walter, um jovem operário de 22 anos, resolveu protestar em frente à delegacia de polícia da cidade:

Eu estava com muita raiva, pois parecia que ninguém mais estava indignado com aquilo. [...]. As pessoas ao meu redor estavam se concentrando em comentar sobre os saques e não no motivo de as pessoas terem decidido protestar em primeiro lugar. [...] Suspeito que foi a primeira manifestação pelos direitos civis de Tyrone, exceto quando as ferrovias estavam fazendo alguma coisa sindical.³³

Richie trabalha na fábrica de doces Gardners Candies, onde é supervisionado por sua mãe. Ele recebe dez dólares por hora, mais alguns benefícios, como o seguro-saúde. Além

³¹ Judi Frischknecht, cit.

³² Idem.

³³ Richie Bonsell-Walter, operário da fábrica de doces, entrevistado em 18 ago. 2022.

disso, é um jovem trans não binário que prefere pronomes masculinos. Após perceber que sua manifestação solitária havia recebido tanto apoio quanto desaprovação na cidade, ele decidiu criar uma página no Facebook por meio da qual foi planejada uma semana de protestos em frente à prefeitura da cidade.

No dia 2 de junho de 2020, uma semana após o assassinato de Floyd, cerca de duas dúzias de manifestantes convocados pelo perfil “BLM Tyrone” do Facebook reuniu-se com cartazes em frente à prefeitura por cerca de duas horas, promovendo um ato pacífico que terminou com todos os participantes ajoelhados por 8m46, tempo que durou o estrangulamento de Floyd. A partir de então, as manifestações se repetiram por cinco dias, atraindo muitas dezenas de apoiadores e recebendo bastante atenção de jornais e telejornais da região. Afinal, 90 anos após os protestos grevistas liderados por trabalhadores ferroviários, uma manifestação pública estava acontecendo na principal rua da pequena cidade.

O sucesso do protesto levou à organização de uma pequena comunidade insurgente em Tyrone formada sobretudo por estudantes e suas famílias, com atividades agendadas ao longo de todo o ano de 2020. Durante a primeira semana de junho, Richie percebeu que seu pequeno movimento estava causando algum impacto na cena política local à medida que conseguia atrair apoios de jovens. Ao mesmo tempo, a iniciativa também despertou reações contrárias, algumas explicitamente racistas: “Várias pessoas davam uma volta no quarteirão para uma segunda provocação. [...] Eu diria que 50% dos moradores ignoraram o protesto, 25% mostraram apoio e 25% odiaram a manifestação”.³⁴

Segundo ele, um dos momentos mais assustadores ocorreu no dia 6 de junho quando uma caminhonete desacelerou na parada obrigatória do cruzamento de vias em frente ao prédio da prefeitura, acelerando subitamente a seguir, e lançando uma nuvem de fumaça

de óleo diesel no ar. Em Tyrone, esse ato é conhecido como “carvão rolante” e, segundo as regras locais, significa completa desaprovação. O jovem que estava dirigindo a caminhonete ainda fez um inconfundível movimento de cortar a garganta com o dedo para os manifestantes e, após a manifestação, seguiu Richie até sua casa. Além disso, ao longo das semanas, vários moradores passaram pelo protesto gritando frases de apoio à polícia.

No entanto, apesar da desaprovação, a pequena comunidade insurgente se desenvolveu à medida que as pessoas iam se sentindo mais seguras em participar dos protestos, culminando em algumas marchas concorridas ao longo das semanas seguintes. Para Richie:

A marcha mostrou que as pessoas se importavam, que estávamos causando impacto. Aos poucos, percebemos que o apoio ao protesto começou a crescer. Muita gente começou a fazer gestos de aprovação quando passavam pelo protesto. O prefeito veio até nós e fez um discurso nos apoiando, dizendo que aquilo que estávamos fazendo era o certo e que ele também se sentia indignado com o assassinato de Floyd. [...] Quando Duncan apareceu na marcha, essa foi a primeira vez que algum negro da cidade decidiu participar. Eu fiquei feliz, pois ele se sentiu seguro para aparecer e esse era nosso objetivo: que as pessoas negras se sentissem seguras e acolhidas em qualquer lugar.³⁵

A disposição ativista de Richie nasceu no período em que ele viveu em Seattle e frequentou a universidade local, militando em uma pequena organização anarquista do *campus*. Richie se lembra quando participou do bloqueio da entrada de uma agência bancária enquanto seus camaradas protestavam contra a construção de um oleoduto no estado de Washington. Além disso, seu grupo também ajudou a organizar alguns trabalhadores imigrantes empregados em hotéis:

Eu queria fazer isso porque durante meus estudos precisei trabalhar na limpeza para me manter em Seattle. Eu era contratado por uma empresa que explorava os imigrantes. Era a única pessoa branca da

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

equipe. Eles eram latinos e filipinos, por isso decidi aperfeiçoar meu espanhol, para me comunicar com eles. [...]. Meu grupo circulou panfletos em espanhol, explicando sobre o que eram os sindicatos, os direitos e os benefícios que eles mereciam, mas aos quais não tinham acesso. Foi um período muito intenso de minha vida. [...]. Em Tyrone a vida é muito diferente, pois as pessoas vivem do trabalho para casa. Não há vida social fora das igrejas.³⁶

E mesmo não planejando ficar muito mais tempo vivendo em Tyrone, Richie considera que vale a pena lutar por sua cidade natal:

Mesmo se eu voltar para Seattle, quando alguém me perguntar de onde sou, sempre vou dizer: eu sou de Tyrone, Pensilvânia. Sinto orgulho de onde eu nasci. Gosto de ser parte de uma comunidade de gente trabalhadora que dá duro todo dia. É quem eu sou. Dou duro na fábrica e quero poder voltar para casa e me sentir tão seguro e protegido quanto qualquer pessoa. [...]. Esta ainda é minha cidade. Minha família mora aqui há muito tempo e tenho um monte de parentes espalhados pela região. É onde eu me sinto em casa e penso que você sempre deve se sentir seguro em sua casa. O movimento BLM Tyrone foi sobre isso: sentir-se seguro em sua casa. A cor de sua pele não importa.³⁷

Após julho de 2020, os protestos diminuíram em todo o país, fazendo com que Richie se sentisse menos encorajado a continuar com sua rotina de levar seus cartazes para pontos estratégicos de circulação. O ativismo manteve-se nas redes sociais, mas sem o impacto público de antes. Apesar disso, entende que sua iniciativa em defesa da igualdade racial em uma cidade onde 98% da população é branca não foi em vão. Ele se lembra que, em 2016, seria impossível ver placas em apoio a Hillary Clinton em Tyrone. Em 2020, a situação havia mudado: várias placas em apoio a Joe Biden podiam ser vistas decorando as fachadas das casas.³⁸

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ Em acréscimo, cabe mencionar que em Philipsburg, cidade localizada 25 quilômetros ao norte de Tyrone, centenas de moradores também organizaram uma marcha e um comício no dia 6 de junho de 2020 em defesa das vidas negras. O sucesso do protesto motivou um comentário considerado racista de uma vereadora em uma rede social. Em

O apoio que o movimento BLM Tyrone recebeu de alguns moradores talvez não tenha sido suficientemente forte para alterar de maneira profunda o racismo existente na cidade. No entanto, a trajetória do movimento revelou que as sementes da mudança não caíram em solo estéril. A iniciativa de um jovem operário branco transgênero não binário e não sindicalizado mostrou que o relativo desinteresse pela política partidária observado na cidade não significa uma recusa do engajamento político.

Além disso, o reconhecimento de que a insegurança vivida pelos negros nos EUA ressoa de alguma forma em sua própria experiência como jovem transgênero aponta para uma importante intersecção entre raça e sexualidade. Finalmente, a experiência de Richie como organizador sindical em Seattle revelou que tradições consideradas esquecidas do movimento trabalhista estadunidense, como o anarcossindicalismo, não desapareceram completamente, podendo voltar a brotar numa pequena cidade rural bem no meio da Pensilvânia.

Para a maioria das pessoas, organizar um protesto em defesa dos negros em uma cidade onde não moram negros pode parecer uma atitude bastante excêntrica. Mas não para Richie. Na realidade, ele decidiu organizar o movimento BLM Tyrone por entender que existe uma estreita relação entre a defesa da vida dos negros e a crise de drogas que castiga sua cidade natal:

Quando morei em Seattle eu vi a mesma coisa acontecendo nos bairros onde vivem os negros e os imigrantes. Também aqui as pessoas acabam na cadeia quando mais precisam de ajuda. Elas são demonizadas em vez de apoiadas. Sabe, aqui as pessoas traficam apenas para sustentar o vício. Ninguém está nisso para fazer dinheiro. Tive amigos presos por tráfico que nunca mais conseguirão viver uma vida normal. Tem muita gente sofrendo em silêncio em casa sem poder sair na rua por vergonha. Onde isso tudo vai parar? Sabe, o movimento BLM é sobre

reação, os manifestantes reuniram-se alguns dias depois em frente à Câmara de Vereadores, forçando a Câmara do município a aprovar por unanimidade uma moção reprimando a vereadora e a suspendendo temporariamente de suas funções políticas. Philipsburg também é uma cidade com 98% da população branca. Ver Kolesar (2020).

vidas negras, mas também é sobre tantas outras coisas. É também sobre Tyrone.³⁹

CONCLUSÃO

O ângulo adotado por Richie permite aclarar a razão por trás de um movimento como o BLM Tyrone: as condições de reprodução das comunidades onde vivem os trabalhadores brancos aproximaram-se daquelas historicamente experimentadas pelas comunidades negras e pobres do país. Isso favoreceu a solidariedade entre essas comunidades, promovendo, no centro da Pensilvânia, a transformação de uma comunidade agônica em uma comunidade insurgente. A partir daí, é possível problematizar a narrativa, bastante popular entre analistas políticos, do ódio branco como explicação para o avanço do nacionalismo autoritário nos EUA.

Como já observamos, Arlie Russell Hochschild foi quem melhor analisou esse desenvolvimento político, capturando-o em uma metáfora conhecida: nos EUA, os trabalhadores brancos se sentiriam como pessoas diligentes esperando pacientemente na fila para entrar no sonho americano. No entanto, a partir de certo momento, mulheres, negros, latinos e indivíduos LGBTQIAPN+ começaram a furar a fila, gerando um ressentimento que foi logo instrumentalizado por políticos populistas.

Algumas análises buscaram problematizar esse viés interpretativo observando, à exemplo de Paolo Gerbaudo, que aos sucessos da extrema-direita trumpista em atrair os trabalhadores brancos, a esquerda socialdemocrata estaria conseguindo responder por meio de uma aproximação igualmente bem-sucedida do precariado feminino e racializado do setor de serviços. À esquerda socialista caberia elaborar um projeto hegemônico capaz de alcançar a classe operária fabril e rural do precariado dos serviços a fim de assegurar uma

“nova coligação social” apta a recolocar a democracia liberal nos trilhos.

Apesar das diferenças, Hochschild e Gerbaudo concordam em um ponto: ao menos eleitoralmente, a classe trabalhadora “branca” teria sido seduzida pelo “populismo direitista” que culpa os “outros”, isto é, os imigrantes, os trabalhadores racializados e os grupos sociais oprimidos, pelos efeitos deletérios da crise da globalização neoliberal iniciada em 2008. A solução preconizada pelos líderes autoritários seria o retorno ao passado fordista quando os empregos eram bons e a ameaça da globalização econômica inexistia. Em suma, uma saída reacionária supostamente capaz de proteger a fração nacional, branca, adulta e masculina, da instabilidade ocupacional decorrente da mercantilização do trabalho.

Essas análises tendem a apreender os grupos formados por trabalhadores brancos como unidades ocupacionalmente industriais e politicamente nostálgicas do passado fordista. Isso serve também para caracterizar boa parte da literatura que tem se empenhado em interpretar o Brexit e a aproximação de antigas regiões operárias localizadas na Alemanha, na França e na Itália da extrema-direita nacionalista.

No entanto, o caso de Tyrone sugere que essa narrativa é pouco convincente. Em primeiro lugar, vale observar que parte significativa dos trabalhadores brancos vivendo em cidades rurais na América já são parte do precariado do setor de serviços. As trabalhadoras femininas, por exemplo, concentram-se em atividades de cuidados hospitalares, limpeza, alimentação e hospedagem, enquanto os trabalhadores masculinos dedicam-se à zeladoria predial, à renovação de telhados e ao transporte de cargas.

Mesmo após o ciclo de desindustrialização que castigou inúmeras comunidades de trabalhadores brancos nos EUA, ainda é possível encontrar operários engajados em fábricas, caso da American Eagle Paper Mill, por exemplo, porém, sob condições salariais bastante inferiores e submetidos a altas taxas de rotatividade resultantes da difusão da estratégia de terceirização

³⁹ Richie Bonsell-Walter, cit.

empresarial adotada pelas empresas.

Ou seja, esses grupos operários já foram absorvidos pelo precariado, não havendo nada em termos ocupacionais que os diferencie significativamente dos trabalhadores racializados que trabalham, por exemplo, nos armazéns da Amazon. Finalmente, quando observamos cidades como Tyrone, é fácil perceber que a distinção entre operários industriais e precariado do setor de serviços simplesmente não faz sentido, pois os dois grupos vivem nas mesmas famílias.

Assim, restaria à narrativa do “ódio branco” a nostalgia dos bons e velhos tempos. Trata-se de um aspecto central da explicação da suposta natureza reacionária desses trabalhadores. Aqui é importante compreender que mesmo no auge da era fordista a sindicalização no setor privado da economia estadunidense nunca ultrapassou os 33% da força de trabalho. Historicamente, a maior parte da classe trabalhadora do setor privado jamais conheceu a proteção sindical.

Além disso, considerando que a maioria desses trabalhadores vive ainda hoje em pequenas cidades rurais com menos de 25 mil habitantes onde os “bons empregos” sempre foram mais uma promessa do que uma realidade, percebemos que o apelo ao passado fordista não passa de um ardil para justificar o nacionalismo autoritário, com pouca ressonância na memória dos operários.

Na verdade, a nostalgia verificada entre eles remete ao colapso da ética da boa vizinhança própria ao seu modo de vida rural, isto é, à crise dos laços de intimidade e de cumplicidade outrora existentes em suas comunidades rurais e que asseguravam uma reprodução social estável. As causas desse declínio são múltiplas, mas se concentram, principalmente, em quatro fatores: a epidemia de substâncias ilícitas que atingiu as comunidades rurais desde o início dos anos 2000; os efeitos econômicos da Crise de 2008, sobretudo, em termos do fechamento dos pequenos negócios; a terceirização empresarial; e a pandemia do novo coronavírus.

Na realidade, a nostalgia advém da im-

possibilidade de exercer aquilo que essas comunidades tradicionalmente valorizam, isto é, o sentido de autodeterminação assegurado pelo sistema de solidariedades práticas que garantia sua subsistência. No lugar da solidariedade, esses trabalhadores experimentam a alienação. Não por acaso, o comparecimento às urnas nas pequenas comunidades de trabalhadores brancos é significativamente menor que as médias nacional e dos maiores centros urbanos do país.

Finalmente, o “ódio branco” é uma narrativa assentada na exclusão violenta de um “outro” racializado. Para tanto, os trabalhadores brancos devem se sentir ameaçados pela competição com os trabalhadores racializados. De fato, a composição racial da América rural tem se alterado ao longo dos anos. Porém, em um ritmo muito lento. Em muitos casos, os trabalhadores latinos são valorizados pelos fazendeiros por aceitarem empregos que os brancos recusam, como limpar o confinamento do gado, por exemplo. Os negros são raros em áreas rurais, preferindo ficar nas regiões metropolitanas.

Em suma, se é possível identificar atitudes individuais preconceituosas entre os trabalhadores brancos, não há uma base social realmente sólida capaz de transformar o racismo em um fator politicamente mobilizador. Enganam-se aqueles que imaginam que promessas de recuperação de empregos industriais à base da construção de muros contra imigrantes será capaz de assegurar o apoio eleitoral para posições extremistas de direita nessas comunidades.

Recebido para avaliação em 11 de março de 2024
Aceito para publicação em 26 de setembro de 2024

REFERÊNCIAS

- ANNER, Mark Sebastian. Worker resistance in global supply chains: wildcat strikes, international accords, and transnational campaigns. *International Journal of Labour Research*, Geneva, v. 7, n. 1-2, p. 17-34, 2015.
- BEZILLA, Michael; RUDNICKI, Jack. *Rails to Penn State: the story of the Bellefonte Central*. Mechanicsburg: Stackpole, 2007.

- BLAIR Companies: building businesses for over seven decades. [S. l.], c2024. Disponível em: www.blaircompanies.com. Acesso em: 12 maio 2022.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.
- U. S. BUREAU OF LABOR STATISTICS; LUO, Tian; MANN, Amar; HOLDEN, Richard J. What happened to temps? Changes since the great recession. *Monthly Labor Review*, [United States], p. 8-9, Feb. 2021. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/mlr/2021/article/temp-help.htm>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- CALDEMEYER, Dana M. *Union renegades: miners, capitalism, and organizing in the gilded age*. Urbana: University of Illinois, 2021.
- CASE, Anne; DEATON, Angus. Rising morbidity and mortality in midlife among white non-Hispanic Americans in the 21st century. *PNAS*, [United States], v. 112, n. 49, p. 15078-15083, 2015.
- CHARLES, Kerwin Kofi; HURST, Erik; SCHWARTZ, Mariel. The transformation of manufacturing and the decline in US employment. *NBER Macroeconomics Annual*, v. 33, n. 1, p. 307-72, Mar. 2018.
- CHERLIN, Andrew J. White working-class support for Trump. *Contexts*, [Berkeley], v. 20, n. 2, p. 30-35, May 2021.
- CROMARTIE, John. *Rural America at a glance: 2018 Edition*. Estados Unidos: Department of Agriculture, 2018. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/282512/>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- DAVIS, Mike. The great god Trump & the white working class. *Catalyst*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 151-71, 2017.
- DAVIS, Mike. *Prisoners of the American dream: politics and economy in the history of the US working class*. New York: Verso, 1986.
- DIMAGGIO, Anthony R. *Rising fascism in America: it can happen here*. New York: Routledge, 2021.
- EHRENREICH, Barbara. *Miséria à americana: vivendo de subempregos nos Estados Unidos*. São Paulo: Record, 2004.
- EVEN, Willian E.; MACPHERSON, David A. The affordable care act and the growth of involuntary part-time employment. *ILR Review*, [United States], v. 72, n. 4, p. 955-80, Sep. 2018.
- GILMORE, Peter E. *Rebels and revivals: Ulster immigrants, western Pennsylvania presbyterianism and the formation of Scotch-Irish identity, 1780-1830*. 2009. Dissertation (Doctorate in Philosophy) – College of Humanities and Social Sciences, Carnegie Mellon University, Pennsylvania, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: volume 2: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HARBST, Adeena. Locals Gather to Bring Attention to Racism, ‘Social Injustice’. *The Daily Herald*, [s. l.], 4 June 2020.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. *Strangers in their own land: anger and mourning on the American right*. New York: The New Press, 2016.
- KILIBARDA, Konstantin; ROITHMAYR, Daria. The myth of the rust belt revolt. *Slate*, [s. l.], Dec. 2016. Disponível em: <https://slate.com/news-and-politics/2016/12/the-myth-of-the-rust-belt-revolt.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- KOSELAR, Tyler. Philipsburg councilwoman denounced for social media comments. *The Progress*, [s. l.], June 2020.
- KRIPPNER, Greta R. *Capitalizing on crisis: the political origins of the rise of finance*. Cambridge: Harvard University, 2011.
- OWENS, Ann; SAMPSON, Robert J. Community well-being and the great recession. In: GRUSKY, David B.; HILL, Jasmine (ed.). *Inequality in the 21st century: a reader*. New York: Routledge, 2018. p. 150-153.
- RILEY, Dylan. What is Trump?. *New Left Review*, [s. l.], n. 114, p. 25-26, Nov./Dec. 2018. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii114/articles/dylan-riley-what-is-trump>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- ROBERTS, David. Hillary Clinton’s ‘coal gaffe’ is a microcosm of her twisted treatment by the media. *Vox*, [s. l.], 20 Sep. 2017. Disponível em: <https://www.vox.com/energy-and-environment/2017/9/15/16306158/hillary-clinton-hall-of-mirrors>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- ROSENFELD, Jake; KLEYKAMP, Meredith. Organized labor and racial wage inequality in the United States. *American Journal of Sociology*, [Chicago], v. 117, n. 5, p. 1460-1502, Mar. 2012.
- SAMPLE, Tex. *Working class rage: a field guide to white anger and pain*. Nashville: Abingdon, 2018.
- SAVAGE, Luke. What was MAGA nationalism?. *Jacobin*, [s. l.], 15 Feb. 2023.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TYRONE regional joins Penn Highlands healthcare. *The Daily Herald*, [s. l.], 5 Nov. 2020. Disponível em: https://www.huntingdondailynews.com/daily_herald/news/tyrone-regional-joins-penn-highlands-healthcare/article_55434ec7-8d9e-52c5-93be-4e77cc4f8808.html. Acesso em: 22 jun. 2023.
- U. S. GOVERNMENT ACCOUNTABILITY OFFICE. Contingent workforce: size, characteristics, earnings, and benefits. *GAO*, Washington, DC, 20 Apr. 2015. Disponível em: <https://www.gao.gov/products/gao-15-168r>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- WILLIAMS, Joan C. *White working class: overcoming class cluelessness in America*. Boston: Harvard Business Review, 2017.
- WINANT, Gabriel. *The next shift: the fall of industry and the rise of health care in rust belt America*. Cambridge: Harvard University Press, 2021.
- WUTHNOW, Robert. *The left behind: decline and rage in rural America*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Ruy Braga – Conceitualização e Análise formal

Ruy Braga – Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas Professor(a) do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo Diretor do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da Universidade de São Paulo, desenvolvendo pesquisas na área de sociologia do trabalho Suas mais recentes publicações são: A angústia do precariado: trabalho e solidariedade no capitalismo racial (2023) e A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global (2017), ambos editados pela Boitempo.

CHALLENGING “WHITE HATE”: racism and Antiracism in a Working-Class Community in the United States

Ruy Braga

The rise of nationalist and authoritarian leaders such as Donald Trump, Viktor Orbán, Marine Le Pen, Matteo Salvini, and Andrzej Duda—not to mention Jair Bolsonaro—in different national political contexts seems to have revitalized the dusty thesis of working-class authoritarianism popularized by Seymour Martin Lipset in the early 1960s. Both in academia and in the press, the narrative of the working-class “white hatred” as the supposed structuring axis of the global far-right offensive has never been more popular. In this article, we challenge this interpretation through the lens of an ethnographic study conducted in a community of workers who predominantly voted for the politician embodying the prototype of contemporary nationalist and authoritarian leadership: Donald Trump. To this end, we aim to highlight the relationships between processes of labor precarization, workers’ support for nationalist and authoritarian projects, and the alleged racism of workers, in order to interpret shifts in workers’ political behavior in contexts marked by an acute socio-reproductive crisis.

KEYWORDS: Working class. United States. Deindustrialization. Labor precarization. Authoritarianism.

CONFRONTER LA “HAINE BLANCHE”: racism et antiracisme dans une communauté ouvrière aux États-Unis

Ruy Braga

L’ascension de dirigeants nationalistes et autoritaires tels que Donald Trump, Viktor Orbán, Marine Le Pen, Matteo Salvini et Andrzej Duda, sans oublier Jair Bolsonaro, dans différents contextes politiques nationaux, semble avoir revitalisé la vieille thèse de l’autoritarisme ouvrier popularisée par Seymour Martin Lipset au début des années 1960. Tant dans le milieu académique que dans la presse, la narrative de la “haine blanche” de la classe ouvrière comme axe structurant supposé de l’offensive de l’extrême droite à l’échelle mondiale n’a jamais été aussi populaire. Dans cet article, nous remettons en question cette interprétation à la lumière d’une ethnographie ouvrière menée dans une communauté où les travailleurs ont majoritairement voté pour le politicien incarnant le prototype du leadership nationaliste et autoritaire actuel : Donald Trump. À cette fin, nous cherchons à mettre en évidence les relations entre les processus de précarisation du travail, l’adhésion des travailleurs à des projets nationalistes et autoritaires, et le supposé racisme des travailleurs, afin d’interpréter les transformations du comportement politique des travailleurs dans des contextes marqués par une crise socio-reproductive aiguë.

MOTS-CLÉS: Classe ouvrière. États-Unis. Désindustrialisation. Précarisation du travail. Autoritarisme.

